

Breves anotações de uma história que não podemos esquecer: revista Rádice ¹

Brief notes of a story that we can not forget: Rádice magazine

Edson Luiz André de Sousa

Resumo:

Este artigo é resultado de um diálogo com a tese de doutorado de Alessandra Daflon dos Santos, intitulada "Rádice: muito prazer! Crônicas do passado e do futuro da psicologia no Brasil". Este tese foi orientada pela Prof. Dr^a Ana Maria Jacó-Vilela e defendida em maio de 2008, na UERJ. Faço um breve percurso de minha experiência com a revista Rádice, da qual participei como membro da sucursal de Porto Alegre. Desenvolvo algumas articulações históricas e políticas da Rádice na história da psicologia no Brasil, enfatizando sobretudo o tema das utopias.

Palavras-chave: Revista Rádice; utopia; política.

Abstract:

This article is the result of a dialogue with the doctoral thesis of Alessandra Daflon dos Santos on "Rádice: muito prazer! Crônicas do passado e do futuro da Psicologia no Brasil". This thesis was oriented by the Prof. Dr. Ana Jacó-Vilela, and it was presented in May 2008 in UERJ. I make a brief journey of my experience with the Rádice magazine as a member of Porto Alegre's branch. I develop some Rádice's historical and political connections through the History of Psychology in Brazil, focusing on the subject of utopias.

Key-words: Rádice magazine; utopia; politics.

Três acordes iniciais para abrir esta argüição que seguirá a estilística do *informe*, como muito bem definiu Georges Bataille: ar ignição, ar poeira e lembrança, história como trauma, raízes de uma utopia, encontro de um tempo, embate com o esquecimento, horizonte de algumas narrativas esquecidas, tensões do tempo, intenções, atenções, atrações e repulsas, obscuridades e uma história que soube resistir às tentativas de apagamento.

“Mas como podemos esperar salvar-nos naquilo que há de mais frágil”

Italo Calvino ²

“É um conceito estéril cumprir o dever em qualquer lugar onde se foi colocado, desgastamo-nos por nada; o verdadeiro dever é quando podemos escolher nosso lugar e modelar conscientemente os acontecimentos”

Robert Musil ³

“A longo prazo, a vida sem utopia se torna irrespirável, para a multidão pelo menos; sob pena de petrificar-se, o mundo necessita de um delírio novo”

Cioran ⁴

Nestes três acordes, os primeiros fios condutores de meu narrar ignição. Com Calvino, a idéia de tocar o frágil e poder ler a lógica de um certo fracasso como promessa ou salvação se quiserem (no espírito benjaminiano). Com Musil, o compromisso ético com o viver e que o texto de Alessandra Daflon dos Santos indica neste percurso da história: *Rádice: muito prazer!* Percurso fruto de muitos encontros que a pesquisadora fez nesta tese-documento, como nomeia Alessandra em sua conclusão. Encontros de pessoas, de idéias, de histórias e esquecimentos. A vida como invenção. Podemos ler na última página de sua tese (p. 167): “Rádice foi isso: uma grande invenção que se agenciou como o que havia de combativo

e resistente, se conectou com o que tinha força para transformar, desrespeitando o que já havia: o sério, o “correto”, o desde sempre.” Com Cioran, sinto o trabalho em seu horizonte utópico, aliás, conceito que poderia ser introduzido no texto principalmente se pensarmos em autores como Ernst Bloch, Fredric Jameson, Russel Jacoby e Tom Moylan. Em um tempo em que se fala do fim das utopias, esta discussão está em pauta. Como lembra Russel Jacoby em seu último livro *Imagem Imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica*⁵ temos que saber distinguir um equívoco histórico que colocou no mesmo saco as utopias projetistas e as utopias que ele chama iconoclastas. As utopias projetistas são as dos manuais, aquelas que se outorgam certo saber do futuro. Sabemos pela história a que isto levou. Os iconoclastas, parece-me, têm muito mais o espírito Rádice. Um “fracasso” provocador convocando a imaginação, mas também recusando-se a dizer como deveria ser. Como lembra Rubens Alves, “dizer o nome das coisas que não são, para quebrar o feitiço daquelas que são”.⁶

Minha experiência com a Rádice e com a leitura da tese abre esta perspectiva. A revista aponta para uma história crucial em nosso país: a ditadura militar, as invisibilidades políticas e que se faziam ver pelas matérias sobre tortura, o descaso com a saúde mental, os modelos de formação dos cursos de psicologia, a hipocrisia de algumas instituições. Todo o processo da revista construído a partir do precário, do mínimo que por agenciamentos ia se fazendo potente. Voltando à idéia de utopia, o importante é perceber o quanto a revista Rádice abriu um furo na opacidade de uma paralisia social e procurou ativar, acionar nossa imaginação. Isto tudo dentro de um contexto de denúncia, provocação, irreverência e prazer. Insisto, portanto, em sua vocação utópica, como Jameson lembra em seu clássico *As sementes do tempo*. “A vocação da utopia é o fracasso. O seu valor epistemológico está nas paredes que ela nos permite perceber em torno das nossas mentes, nos limites invisíveis que nos permite detectar, por mera indução, no atoleiro das nossas imaginações no modo de produção.”⁷

O texto utópico aciona, portanto - continua ele -, aquilo que não podemos imaginar, mas não o faz pela imaginação concreta, mas sim pelos buracos no texto, que não nossa própria incapacidade de ver além da época e suas conclusões ideológicas.

Maio 68

Esta tese se apresenta 40 anos depois de maio de 68. Algumas relações? Nosso pequeno grupo *Embrião*, de Porto Alegre, com seis estudantes iniciando o curso de psicologia⁸, guardava alguns ecos deste espírito: interrogar a rigidez da academia, os blocos monolíticos do saber, acreditar numa certa irreverência contra o poder, lembrar que temos um corpo e com ele muitas obscuridades. Tínhamos entre 19 e 20 anos quando tomamos conhecimento da *Rádice* e os simpósios *Alternativas no Espaço Psi*. Participamos dos memoráveis encontros no Parque Lage no Rio de Janeiro. O espírito do encontro começava na própria organização da viagem: pedir dinheiro nas esquinas para subsidiar os gastos e quase 24 horas de viagem de ônibus aonde vínhamos discutindo política, lendo, cantando, sonhando. O *Alternativas* nos abriu um outro estilo de formação, um mundo que não conhecíamos e por isto sua força de transmissão.

Em que medida, portanto, estas vivências poderiam adquirir o estatuto de experiência? Como lembra Walter Benjamin na diferença que faz entre vivência (*erlebnis*) e experiência (*erfahrung*), para que possamos nos apropriar desta vivência precisamos narrá-la a um outro. Encontro aqui o sentido da tese de Alessandra. Naquela época, impactados com a experiência dos simpósios no Rio, queríamos levar o *Alternativas no Espaço Psi* para Porto Alegre. Organizamos dois encontros: o I simpósio *Alternativas no Espaço Psi* em 1981, que Alessandra menciona em seu texto e onde contamos com a histórica e comovente participação de Hélio Pelegrino. Organizamos também um segundo encontro em 1982, que nomeamos

Mo(vi)mento Psi – um espaço de reflexão. Reunimos em ambos os encontros, para nossa surpresa, mais de 600 pessoas. Ali cabia tudo, um pouco como indica o texto de Alessandra. Lembro que fazíamos os convites aos convidados de fora em um telefone público que fazia ligações nacionais sem precisar pagar, que descobrimos no centro de Porto Alegre. Foi assim que ligamos para pessoas como Helio Pelegrino, Carlos Ralph, Eduardo Tornaghi, José Gondim, Joel Birman, Alfredo Moffat (Argentina), Miguel Liello (Argentina). Íamos incorporando tudo, novos nomes e sugestões de colegas, no espírito dos penetráveis experimentais de Hélio Oiticica. Era inacreditável podermos ter no mesmo encontro uma mesa com Abrão Slavutzky (psicanalista que chegava a Porto Alegre depois de sete anos em Buenos Aires), Ernildo Stein (importante filósofo e que foi aluno de Heidegger) e Helio Pelegrino (recém expulso da SPRJ), os três discutindo psicanálise e ideologia e, ao mesmo tempo, em um grande ginásio encontrarmos Ralph, Tornaghi, Eugenio Marer e José Carlos Gondim com centenas de pessoas deitadas no chão, gritando, se abraçando, vivência esta que nomearam como “Soltando a loucura”. Helio Pelegrino ainda fez uma brilhante conferência que intitulou *A crise da instituição psicanalítica: um caso clínico*, onde relatou sua expulsão e toda a história já tão conhecida com o envolvimento do médico Amílcar Lobo com a tortura e que Alessandra tão bem aponta em seu trabalho. Podia-se transitar em nosso *Alternativas* em Porto Alegre de uma discussão sobre *Psiquiatria e Sociedade* com Joel Birman a uma palestra com Swani Deva Prashanto (Aron Abend), *A orgonomia de William Reich e a psicologia dos budas*.⁹

Há um momento, contudo, crucial e que a sensibilidade de Alessandra conseguiu apontar no texto (pg. 164) quando lembra a crítica que Jorge Mautner vai fazer ao *alternativo*. Diz Alessandra: “Jorge Mautner, por sua vez, abriu os olhos da turma ao iniciar um processo de crítica ao que se chamava “alternativo”, como se fossem seres puros, que não faziam parte do que chamavam de “sistema”. Incrível coincidência, pois um de nossos

convidados, já no primeiro encontro, abriu também esta brecha indicada por Mautner. Fui eu que fui convidar o psicanalista Alfredo Jerusalinsky em seu consultório e quando relatei o teor da programação achando que ele não ia aceitar e que estaria escandalizado com tanta mistura, disse que aceitava e elogiou a nossa iniciativa. Pergunto o título e ele prontamente: “Castração no Espaço Psi”. Achei antipático, fiquei incomodado, mas ali ele sintonizava com Mautner.

Prazer e política

Este ponto parece ser fundamental no espírito Rádice e que Alessandra conta com muitos detalhes. Aliás, em alguns momentos, chega quase a esquecer da Rádice para falar de uma longa história da psicologia no Brasil. Isto não é propriamente uma crítica, pois se serviu da Rádice para redesenhar uma história que precisamos lembrar. Contudo, uma leitura mais da estética do movimento *rádice* dentro da lógica da imprensa alternativa, embora mencionada, poderia ou poderá, em outro momento, ser mais aprofundada.

Acredito que neste ponto vale a tese de Paul Valery, ao pensar como podemos enfrentar a ordem excessiva de forma criativa. Ordem forjada à força nas malhas da mídia e do poder, ordem e progresso (como lembra Jards Macalé, retiraram o amor de nossa bandeira, pois o lema positivista era amor, ordem e progresso) que instaurou um caos social e político, de violências e silenciamentos. A revista cumpriu esta função de dar visibilidade a algo que, no Brasil, parece que foi mais tímido se comparado com outros países latino-americanos. Refiro-me, por exemplo, à questão da anistia que, como aponta Alessandra, muito mais que fazer justiça com os presos políticos, livrou a cara de torturadores e militares que teriam de ter pago pelo que fizeram. No recente filme de Roberto Mader, *A Operação Condor*, isto fica bem claro.

Voltando a Paul Valery, vale a lembrança de como finaliza sua aula de poética:

*Visto que o espírito está em causa, tudo está em causa; tudo é desordem e qualquer reação contra a desordem é da mesma espécie que ela. É porque essa desordem é aliás, a condição de sua fecundidade: ela contém a promessa, já que essa fecundidade depende mais do inesperado que do esperado, e mais do que ignoramos e porque ignoramos, que daquilo que sabemos. Como poderia ser de outra forma?*¹⁰

Assim, acho que o espírito de desordem que estes movimentos procuraram foi uma aposta em novas imagens, novos pensamentos e utopias. Como Alessandra lembra, o *Cio da Terra* de que participamos na serra gaúcha, uma espécie de Woodstock sulista que seguia o princípio esperança de Ernst Bloch.¹¹

Humor e irreverência

Traço fundamental nestes movimentos e que também agregam pensamento. O humor como crítica, como lançar um olhar desde outro lugar. Nossos encontros eram neste espírito e por isto Alessandra lembra que em todos os encontros *Alternativas* e lançamentos das revistas *Rádice* não podia faltar festa. Georges Bataille, em seu último livro *As lágrimas de Eros*, traz uma bela reflexão sobre a função da festa, momento onde podemos temporariamente abolir a "castração do espaço psi". Uma espécie de sonho dirigido e com contornos mais ou menos definidos. Assim também pensávamos. No segundo encontro em Porto Alegre em 1982, convidamos oficialmente o *Analista de Bagé*, personagem de Luis Fernando Veríssimo, para a conferência de encerramento.

Naquela época um humorista chamado Fraga se apresentava em alguns lugares representando o analista. Para nossa alegria Luis Fernando Veríssimo aceitou o convite, escreveu a conferência que se chamou *A terapia do*

joelhaço. Fraga foi de bombacha e cuia no púlpito para a conferência mais concorrida de nosso simpósio. Aqui identifico também uma transmissão do espírito rádice. Rádice, como lembra Alessandra no início de seu texto, como instituinte.

Declínio da política

A tese de Alessandra recupera uma discussão sobre o declínio da política e o faz por uma aposta na circulação nas arqueologias da história viva, ainda em carne viva. Pensemos, por exemplo, na recente polêmica de uma pesquisa que se quer fazer com adolescentes da FASE em Porto Alegre para tentar encontrar algum indício genético que indique seus atos violentos. Na tese, encontramos em muitos momentos este embate do discurso médico, tecnicista, onde através de uma aparente cientificidade se apaga o sujeito, os conflitos sociais e outros determinantes de nosso mal estar social. Neste ponto também poderíamos apontar o belo trabalho que faz da função de visibilidade que a imprensa alternativa cumpriu tirando algumas poeiras debaixo do tapete. Experiência que precisamos continuar buscando hoje em um mundo do imperativo do consenso e de uma deriva tecnicista do espírito utópico. Pesquisa/testemunho. Trata-se, como lembra Alessandra, se referindo a Jeanne Marie Gagnebin, de transmitir o inarrável, de tentar inaugurar uma outra origem (*Ursprung*), a origem como salto, origem como horizonte para que a história possa continuar e assim interrogar nossa inibição no agir. Aqui os fragmentos que traz de tantos depoimentos recolhidos nas revistas Rádice são elucidativos. Agradeço imensamente a chance de compartilhar esta história, me fazer lembrar tantas imagens e abrir para outros leitores uma história que não pode ser esquecida.

Edson Luiz André de Sousa
Psicanalista. Pesquisador do CNPQ.

**Professor do PPG Psicologia Social e PPG Artes Visuais da UFRGS.
Coordena junto com Maria Cristina Poli o LAPPAP – Laboratório de
Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política – /UFRGS.**

¹ Este pequeno texto é fruto das anotações que produzi para a arguição da tese de doutorado de Alessandra Daflon dos Santos intitulada: "Rádice: muito prazer! Crônicas do passado e do futuro da psicologia no Brasil". Tese orientada pela Prof. Dr^a Ana Maria Jacó-Vilella. Programa de pós-graduação em Psicologia Social – Uerj, maio de 2008.

² CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio: Lições Americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

³ MUSIL, Robert. O homem sem qualidades. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 457

⁴ CIORAN, Emile. História e Utopia. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

⁵ Ver JACOBY, Russell. Imagem Imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica. Rio de Janeiro: 2007.

⁶ ALVES, Rubens. A alegria de ensinar, São Paulo: Ars Poética, 1992.

⁷ JAMESON, Fredric. As sementes do tempo, São Paulo, Atica, 1997, p.85

⁸ Faziam parte do grupo: Ademar Becker, Analice Palombini, Doris Blessmann, Edson Sousa, Kátia Frizzo e Paulo Slomp,

⁹ Publicamos um livro em 1982 com todos os textos apresentados neste *I Simpósio Alternativas no Espaço Psi*, que pode ser encontrado e consultado na Biblioteca do Instituto de Psicologia da UFRGS.

¹⁰ VALERY, Paul. "Primeira aula do curso de poética" In: Variedades. São Paulo: Iluminuras, 1999, p.192

¹¹ O Cio da Terra aconteceu no final de outubro de 1982, organizado pela UEE (União Estadual dos Estudantes). Organizou debates e muita música. Entre os shows estiveram presentes Sivuca, Geraldo Azevedo, Bebeto Alves, Ednardo, Jorge Mautner, Cheiro de Vida, Premê, Os Tapes, Nei Lisboa, Nelson Coelho de Castro, entre outros.